

VELHO OU IDOSO? ENTRE A SEMIOTIZAÇÃO DO PODER-SER E A DO NÃO PODER-SER

RAIMUNDO ISÍDIO DE SOUSA*


Universidade de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística, São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 14 mar. 2021. Aprovado em: 30 maio 2021.

Como citar este artigo: SOUSA, R. I. de. Velho ou idoso? Entre a semiotização do poder-ser e a do não poder-ser. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 21, n. 2, p. 76-93, maio/ago. 2021. doi: 10.5935/cadernosletras.v21n2p76-93

Resumo

As postagens em redes sociais dão corpo a uma práxis enunciativa por meio da qual se institui uma dinâmica ao discurso. Como tema recorrente no Facebook, a velhice é tratada como eixo de discussão em diferentes grupos e páginas. Nesse sentido, analisamos o texto “A diferença entre o velho e o idoso”, que circula na página da Casa de Repouso Viver Melhor, sob os princípios da Semiótica Discursiva francesa, explorando principalmente os conceitos de práxis enunciativa e presença. Em análises, constatamos que o discurso aponta um campo de per-

* E-mail: isidio@ccm.uespi.br e risidios@usp.br
 <https://orcid.org/0000-0002-9712-0791>

cepção em cuja estrutura se inscreve um sujeito enunciador concentrado, que tria o objeto percebido (o velho e o idoso), euforizando o idoso e disforizando o velho.

Palavras-chave

Semiótica Discursiva. Idoso. Velho.

INTRODUÇÃO

O sujeito idoso (con)vive num espaço de memória, de consumo e de instabilidade. O Facebook é um objeto-suporte que projeta um efeito de sujeito com liberdade, e as interações se dão em escala de intensidade e de extensidade conforme seja a natureza do contrato veridictório. Nesse sentido, não tratamos, em Semiótica Discursiva, do sujeito ontológico nem da relação referencial entre o mundo das coisas e o mundo da linguagem, pois o sujeito e o objeto são captados, enunciativamente, nas marcas ou ausências deixadas nas enunciações que instauram simulacros discursivos de sujeito e de objeto.

Defendemos a concepção de que as postagens em redes sociais dão corpo a uma práxis enunciativa por meio da qual se institui uma dinâmica ao discurso. Para este estudo, propomos a seguinte questão: Quais imagens de velho e de idoso são construídas no Facebook? O *corpus* é o texto “A diferença entre o velho e o idoso”, que circula em várias páginas e grupos do Facebook. Extraímos esse texto da página *Casa de Repouso Viver Melhor*.¹

Este artigo está organizado em três partes: na primeira, abordamos alguns conceitos-chave da Semiótica Discursiva, como a práxis enunciativa e os modos de presença; na segunda, analisamos o *corpus*; e, na terceira, tecemos considerações gerais sobre o estudo, salientando o conjunto teórico-analítico que substancia este exercício de análise.

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/casaderepousovivermelhor>. Acesso em: 21 fev. 2021.

SEMIÓTICA DISCURSIVA: A PRÁXIS ENUNCIATIVA E OS MODOS DE PRESENÇA

Práxis enunciativa

A imagem do idoso na internet ajuda a perceber como os discursos movem determinada práxis enunciativa e como ela apreende tanto domínios e esquemas preconcebidos no sistema quanto inovações decorrentes do uso. A sociedade se movimenta semiotizando o mundo, e a velhice é um desses objetos do universo discursivo. Esse processo se dá pela interação, que é constitutiva da função semiótica, em cuja base está a imanência, princípio que permite elaborar um simulacro de interações reais, por meio de figuras, temas e modos de enunciar.

As noções de “sujeito” e de “realidade” são caras para a Semiótica Discursiva, considerando a inclinação que o analista pode ter em psicologizá-las ou ontologizá-las, mas “a questão é manter-se o mais rigorosamente possível na realidade do objeto textual a construir, a única a que se tem acesso, verdadeiramente, no âmbito do projeto semiótico” (BERTRAND, 2003, p. 85). Por esse ângulo, Bertrand (2003) aponta a práxis enunciativa como “uma força regente de uso”, comandada pelo “exercício do discurso”. Ela manipula os objetos em suas enunciações como forma de significá-los e discursivizá-los.

A recorrência à intertextualidade e/ou à interdiscursividade não configura uma transcendência ao texto, mas uma operação que mantém os textos em relação estrutural-discursiva, podendo estar associados a determinada práxis enunciativa. Assim, o contexto, para a Semiótica Discursiva, não corresponde ao que outras disciplinas chamam de exterioridade discursiva, mas é considerado um texto que integra o objeto de análise. Em outros termos, dizemos que é por meio do texto que acionamos o contexto, sendo assim este integra aquele numa relação constitutiva. Nesse sentido, recorremos a Bertrand (2003), que considera a práxis enunciativa imbricada com o próprio ato de enunciação. Segundo o autor,

Compreende-se que a enunciação individual não pode ser vista como independente do imenso corpo das enunciações coletivas que a precederam e que a tornam possível. A sedimentação das estruturas significantes, resultante da história, determina todo ato de linguagem. Há sentido ‘já-dado’, depositado na

memória cultural, arquivado na língua e significações lexicais, fixado nos esquemas discursivos, controlado pelas codificações dos gêneros e das formas de expressão que o enunciador, no momento do exercício individual da fala, convoca, atualiza, reitera, repete ou, ao contrário, revoga, recusa, renova e transforma (BERTRAND, 2003, p. 87).

Assim, o texto reúne sentidos e fórmulas estereotípicas inscritos na língua, no léxico, na história, e o sujeito da enunciação atualiza o dizer pelo ato de enunciação, que pode remeter-se a outras enunciações, individuais e/ou coletivas, compondo, sob a forma de contexto, o próprio texto. O ato de linguagem, conforme Bertrand, insere-se numa relação em que estão em jogo a língua inscrita na história e os esquemas discursivos. O autor reconhece o sentido já-dito na cultura, na história, na língua, no discurso em relação entre o impessoal e o pessoal da enunciação, e esse conjunto de enunciações dá um efeito de *continuum* ao discurso. Nessa configuração, Fontanille (2017) destaca a práxis enunciativa como um além-texto e reconhece a enunciação particular no jogo das enunciações realizadas, concomitantes ou prospectivas, incluindo tanto as estereotípias como as inovações.

Para Fontanille (2017, p. 987),

A práxis enunciativa rejeitou então os limites da textualidade: cada enunciação particular encontra-se em perspectiva na profundidade temporal de enunciações concomitantes, anteriores e até mesmo posteriores. Tanto as estereotípias como as inovações, tanto as menções retrospectivas como as menções prospectivas, todos esses movimentos da práxis enunciativa distendem a temporalidade própria ao texto e fazem-na participar de um regime temporal que pertence a outro plano de imanência: aquele, precisamente, das práticas.

A práxis enunciativa convoca uma dimensão que extrapola o texto, e a imanência é considerada no plano próprio das práticas enunciativas. Ela possui estatuto dinâmico que convoca valores nos textos numa esfera mais ampla da enunciação, pois envolve tanto as estereotípias, construções cristalizadas na língua, quanto as inovações, e esse movimento implica a construção semiótica contínua do objeto e do sujeito. Para Fontanille (2017, p. 987), “a práxis enunciativa implica assim cadeias de operações, organizadas no tempo coletivo, e uma capacidade de criação e de renovação na produção das figuras do sentido, sob a coerção de condições culturais”. A práxis tem origem na cultura, e as operações que se inter-relacionam são a intensidade e a extensidade.

Fontanille e Zilberberg (2001, p. 185) especificam essas operações da seguinte forma:

1. “operações intensivas”, que se referem à sintaxe intensiva da práxis e que incidem sobre as tensões entre as modalizações existenciais, cujos modos de existência se articulam biunivocamente e se desenvolvem em modulações da presença e da ausência, bem como na mudança de um modo de existência para outro;
2. “operações extensivas”, que operam sobre a extensão e a quantidade e “referem-se tanto à percepção dos estados de coisas (unitários, parciais, holísticos) quanto à enunciação, pois que a debreagem é, em si própria, pluralizante, e a embreagem, homogeneizante” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 187).

A práxis enunciativa, no esquema dos modos de existência, atualiza o sistema, restabelece formas já sedimentadas e realizadas (estereótipos, praxemas) e potencializa o sistema por meio do uso, podendo também modificar ou instituir outras práticas, diante das tensões que engendram a dinâmica constitutiva desses modos e mediante as relações estabelecidas entre o sistema e o discurso.

Nesse sentido, Fontanille (2015, p. 273) destaca que a práxis enunciativa: 1. “não é a origem primeira do discurso”; 2. “o sistema não pode ser considerado como a origem do discurso”; e 3. ela “é interativa”. Ele assevera que a práxis enunciativa

[...] administra, entre outras coisas, o modo de existência das grandezas e dos enunciados que compõem o discurso: ela os apreende no estágio virtual (enquanto unidades pertencentes a um sistema), ela os atualiza (enquanto seres de linguagem e de discurso), ela os realiza (enquanto expressões), ela os potencializa (enquanto produtos do uso) etc. (FONTANILLE, 2015, p. 273).

Ela se constitui nos usos discursivos e se materializa na relação com a língua, com a norma, com a fala e com o discurso. É decorrente de uma experiência semiótica que permite compreendê-la como um poder-ser, enquanto a norma, como um sistema abstrato, remete a um dever-ser. Essa experiência não se encontra na ordem de um estado de coisa descontínuo, mas fundamenta a práxis na ordem do *continuum*, do evento, do acontecimento. Isso não quer

dizer que a práxis enunciativa não se submeta a coerções da própria instância do ato enunciativo, considerando o sistema, a cultura, as relações sociais, a história, a intertextualidade, a interdiscursividade e outros elementos que compõem o contexto de enunciação, e esses mecanismos indiciam a percepção semiótica do sujeito.

Modos de presença

A presença, em Semiótica, abrange a noção de “campo de presença”, tributada a Merleau-Ponty (1999), segundo a qual podemos destacar a relação presença-ausência como grandezas que tornam sensíveis o ser do sentido. A fenomenologia, na perspectiva de Merleau-Ponty (1999), percebe o homem na relação com mundo, atribuindo àquele a capacidade de significar um objeto a partir de sua percepção, pois esta já é uma forma de sentir o objeto, não o concebendo como uma entidade eminentemente significada sob a dimensão da consciência ou da inteligibilidade, mas pela dimensão do sensível.

Sob pressupostos da Semiótica Discursiva, Greimas e Courtés (2016, p. 195) assinalam que “um sujeito semiótico não existe enquanto sujeito senão na medida em que se lhe pode reconhecer pelo menos uma determinação, ou seja, que ele está em relação com um objeto-valor qualquer” e continuam: “um objeto só o é em relação com um sujeito [...]. Nessa relação, a percepção é foco para acionar a existência de um sujeito e de um objeto semióticos e desencadear uma orientação discursiva do campo de presença”.

Para Fontanille e Zilberberg (2001, p. 123, grifo nosso), a Semiótica se interessa pelo viés de uma presença operada em “termos dêiticos”, o que corresponde não somente a um presente linguístico, mas, sobretudo, ao fato de que, “para a própria fenomenologia, a *presença é o primeiro modo de existência da significação*, cuja plenitude estaria sempre por ser conquistada”.

Segundo Greimas e Courtés (2016, p. 195), “um sujeito semiótico não existe enquanto sujeito senão na medida em que se lhe pode reconhecer pelo menos uma determinação, ou seja, que ele está em relação com um objeto-valor qualquer”, assim como “um objeto [...] só o é enquanto esteja em relação com um sujeito, enquanto é ‘visado’ por um sujeito. É a junção que é a condição necessária tanto à existência do sujeito quanto à dos objetos”.

Em *Semiótica das paixões*, Greimas e Fontanille (1993, p. 53) destacam:

Na sequência das tentativas que precedem para instalar e conceitualizar um nível anterior ao das estruturas elementares da significação, é tentador reservar o papel de “sujeito potencializado” ao sujeito tensivo que aparece no espaço da foria. Esse “quase-sujeito” é bem da ordem do potencial, suscetível ao mesmo tempo de ser convertido em sujeito virtualizado/atualizado por dupla-somação e de ser convocado diretamente por ocasião da colocação em discurso para a realização do sujeito discursivo apaixonado.

Nesse sentido, além da presença virtualizada, atualizada e realizada, há a potencializada, que, segundo os autores, remete à existência de um “quase sujeito”, porque “o sujeito da busca, antes de receber o querer e o dever, é instaurado quando descobre a existência de um sistema de valores e que essa instauração prévia faria dele um sujeito potencializado” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 53). Em outros termos, a existência de um sujeito plenificado pressupõe que ele tenha consciência e compreenda o sistema de valores no qual está investido seu estatuto de sujeito, e o sujeito potencializado “resulta de uma negação do sujeito atualizado e é pressuposto pelo sujeito realizado” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 53).

Fontanille e Zilberberg (2001) propõem os modos de existência e sua correlação às modalidades, conforme o seguinte quadro:

	Potencializada	Virtualizada	Atualizada	Realizada
Endógena	ASSUMIR	QUERER	SABER	SER
Exógena	ADERIR	DEVER	PODER	FAZER
	(crenças)	(motivações)	(aptidões)	(efetuações)

Quadro 1 – Modos de existência e sua vinculação às modalidades.

Fonte: Fontanille e Zilberberg (2001, p. 256).

Segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 256), a potencialização se inscreve no discurso das crenças; a virtualização, nas motivações; a atualização, nas aptidões; e a realização, nas efetuações. Esse quadro corresponde às *modalizações existenciais*.

Nos discursos inscritos ou constituídos no âmbito da digitalidade midiática, há uma homologação do campo de presença, que é, do ponto de vista de Fontanille e Zilberberg (2001, p. 125), “o domínio espaço-temporal em que se exerce a percepção, e, por outro, as entradas, as estadas, as saídas e os retornos

que, ao mesmo tempo, a ele devem seu valor e lhe dão corpo”. O campo de presença funciona assim para materializar as relações entre o sujeito e o objeto, inscrevendo-os numa dinâmica que parte da percepção ao fazer persuasivo e situando essas relações no domínio do tempo e na corporalidade de sua existência. E essa presença mensura a entrada do conteúdo conforme seus níveis da significação no campo, podendo ser acentuada ou enfatizada e, assim, conjungir a existência em presença, ou seja, todo conteúdo acentuado (tônico ou átono) denuncia uma entrada em determinado campo de significação, o que faz mudar o estatuto da existência para a presença. Em outras palavras, a presença tem como pressuposto básico a existência de tonicidade do enunciado.

Segundo Zilberberg (2011, p. 122), no campo de presença, movimentam-se e circulam as grandezas que

[...] vão e vêm, retornando por vezes; em outras palavras, por uma operação de triagem, elas são extraídas de uma dada classe, em parte razoável, em parte sensata, para então serem introduzidas numa outra classe mediante uma operação de mistura, ora bem-sucedida, ora incongruente – tanto é verdade, aparentemente, que para o discurso a questão não é conhecer a essência imutável das coisas, e sim estabelecer, para uma determinada grandeza, projetada pelas circunstâncias no centro do campo de presença, a lista daquelas que não o são.

As grandezas que adentram o campo de presença constituem-se em contraste com as que por lá não circulam ou que não se fazem presentes, então inferimos que se trata de uma forma de perceber as grandezas no domínio das operações de triagem e mistura, considerando o grau de tonicidade, ou melhor, uma gradação maior ou menor conforme seja estabelecido no acento de sentido, homologado por encadeamentos sintático-semânticos do campo de presença.

A presença está relacionada a grandezas, entre as quais se destacam os valores inscritos ou visados nos objetos. Concomitante à existência axiológica, conforme assinalam Greimas e Courtés (2016) (valores virtuais, atualizados, descritivos, modais, de uso, de base), também são homologados valores tensivos, que, segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 53), são: 1. “valores de universo”, que “supõem a predominância da valência da abertura sobre a do fechamento e a predominância da valência da mistura sobre a da triagem”, e 2. “valores de absoluto”, que “supõem a predominância da valência do fechamento sobre a da abertura e a predominância da valência da triagem sobre a da mistura”.

Os valores de universo inclinam-se à dimensão estésica da abertura e da mistura, e os valores de absoluto, ao fechamento e à triagem. Nessa relação, conjugam-se as direções da intensidade e da extensidade; naquelas, estruturam-se as representações do sensível, do afetivo, e nesta, as representações do cognitivo, do inteligível. Essa dimensão tensional remete à percepção da significação no campo de presença.

Aos modos de presença, segundo Zilberberg (2011), assenta-se a temporalidade como elemento da sintaxe tensiva. Para o teórico, é comum atrelar o tempo e o espaço “acoplados”; entretanto, “a relação que se tem de estabelecer entre o tempo e o aspecto é problemática” (ZILBERBERG, 2011, p. 123). A temporalidade tensiva é uma categoria que se converge com a extensidade e está submetida ao andamento, conforme uma dimensão inversamente proporcional entre as grandezas rapidez e lentidão. No entanto, o andamento contínuo faz com que a temporalidade e a espacialidade estejam em dimensão diretamente proporcional, desencadeando uma ampliação da noção de tempo e de espaço, pois há uma interconstituição dessas categorias: do tempo no espaço e do espaço no tempo. Na realidade, a temporalidade e a espacialidade ocorrem, no espaço tensivo, em coconstituição, como estruturas das subdimensões tensivas, assim como o andamento e a tonicidade.

Fontanille e Zilberberg (2001) propõem um quadro em que os modos de presença se encontram distribuídos nas categorias enunciativas de pessoa, tempo e espaço, conforme segue:

		Presença realizada	Presença virtualizada
EGO	PdV ² do sujeito	espantado	habitado
	PdV do objeto	novo	antigo
AQUI		próximo	distante
AGORA		atual	ultrapassado

Quadro 2 – Modos de presença nas categorias enunciativas de pessoa, tempo e espaço.

Fonte: Fontanille e Zilberberg (2001, p. 128).

Acrescentam os autores que o *eu semiótico* não se resume ao eu linguístico, pois aquele é instituído como “um ‘eu’ sensível, afetado, muitas vezes

2 PdV = ponto de vista.

atônito, quer dizer, comovido pelos êxtases que o assaltam, um ‘eu’ mais oscilatório do que identitário”, pois ele “habita um espaço tensivo”, em que “a intensidade e a profundidade estão associadas” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 128). A presença, em Semiótica, “não pode ser senão relacional e tensiva, e deve compreender-se como ‘uma presença de x a y ’”, e as grandezas em si “sujeito e objeto” resultam da função “percepção” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 128). A seguir, passaremos à análise do *corpus*.

A IMAGEM DO IDOSO E DO VELHO: ENTRE TRIAGENS, ACENTOS E INACENTOS DE SENTIDO

O texto “A diferença entre o velho e o idoso” (CASA DE REPOUSO VIVER MELHOR, 2018) tem grande circulação no Facebook, tanto nos grupos quanto em páginas, *blogs* etc.

O idoso e o velho em campos oposicionais: da vida à morte

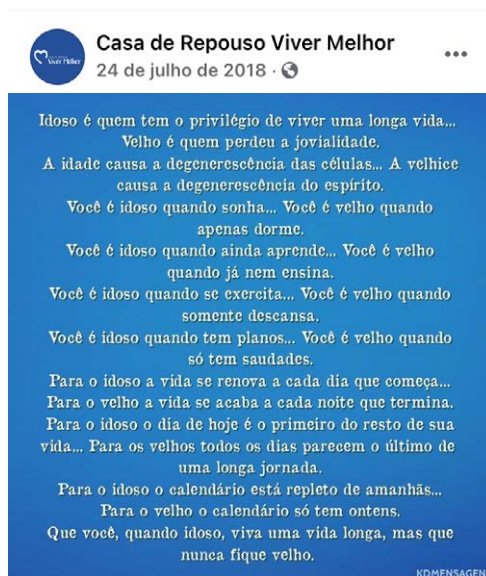


Figura 1 – Texto “A diferença entre o velho e o idoso”.

Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/casaderepousovivermelhor/photos/a.355287761633779/448736012288953/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Considerando que a presença é, segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 123), “o primeiro modo de existência da significação” e que ela permeia todo o processo de geração de sentido, verificaremos como o sujeito enunciator do texto entende e sente os valores que circundam a percepção do que é ser idoso e ser velho. Preliminarmente, dizemos que perceber uma presença é um ato de investimento afetivo do sujeito da enunciação sobre determinado objeto, por meio do qual constrói uma escala de valores e projeta uma significação das coisas do mundo.

O texto em análise revela um posicionamento sensível do sujeito ao conceber as diferenças entre o idoso e o velho, numa relação tensiva a partir de escolhas temático-figurativas. O enunciator “pesa”, mensura o ser idoso e o ser velho, colocando-os em eixos opositivos e modulando o campo sensível do discurso, em termos de presença, ausência e tensão entre as isotopias que concorrem e que tencionam a percepção do sujeito em relação à velhice. Nesse ínterim, a práxis enunciativa da velhice no texto estabelece uma grandeza semiótica que modula e encapsula os modos de a velhice acontecer. Esses modos acionam a tonificação ou a atonificação do campo sensível, configurando, assim, o campo de presença. Nesse texto, temos a velhice sendo modulada tensivamente em dois eixos de tensividade: tônico (o ser idoso) e átono (o ser velho), conforme podemos verificar no seguinte gráfico:

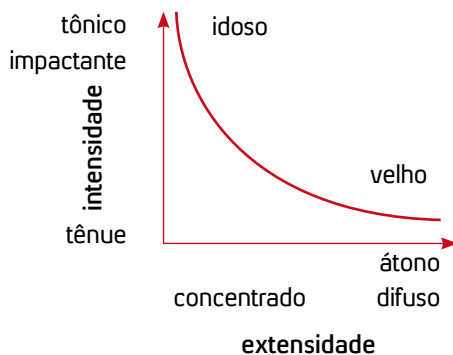


Gráfico 1 – Modulação tensiva.

Fonte: Adaptado de Zilberberg (2011).

Em termos da sintaxe discursiva, o sujeito enunciator, pressuposto no enunciado, se debréia em narrador e, no texto, este não se desembreia em nível de segundo grau, o que quer dizer que o narrador é o sujeito que fala no texto.

O destinador-manipulador constitui-se de um poder-saber sobre o objeto, estabelecendo as diferenças entre idoso e velho. Esse poder-saber institui-se como simulacro do fazer-criar nas instâncias do enunciado e da enunciação, pois, conforme Greimas (2014, p. 134), “o criar precede o saber” e ambos “pertencem assim a um único e mesmo universo cognitivo” (GREIMAS, 2014, p. 145).

O destinador-manipulador atribui ao idoso um programa de base cujo objeto-valor é a vida, fundado na competência do poder-ser, em detrimento do velho, que é impossibilitado de realizar qualquer *performance*, e o programa deste vai em direção ao objeto-valor morte. O velho é modalizado pelo não poder-ser e, como não realiza *performance*, é sancionado negativamente (perdeu a jovialidade, apenas dorme, já nem ensina, só tem saudades, “vive” de ontens). Entretanto, a sanção atribuída ao idoso é positiva (viver uma longa vida, sonhar, aprender, exercitar-se, renovar a vida, “vive” de amanhã).

Como estratégia, o enunciador ora utiliza a forma de enunciação enunciada, quando utiliza o pronome “você”, como mecanismo de aproximação com o enunciatário, simulando um diálogo, ora a forma de enunciado enunciado,³ em que o sujeito utiliza predominantemente a debreagem enunciativa para criar um efeito de objetividade e de um sujeito que tem o controle do saber, como podemos perceber nas seguintes marcas do enunciado: “idoso é [...]”, “velho é [...]”, “Para o idoso, [...]”, “Para o velho, [...]” etc. Esse modo de dizer aciona um saber amplo e genérico próprio de um enunciador universal, que conhece e sabe as coisas do mundo. Com efeito, podemos dizer que há uma presença sensível em perceber o velho e o idoso. É um saber que condensa uma visão social sobre o objeto semiótico em análise.

O sujeito enunciador é modalizado pelo querer e tria os objetos (no caso, o ser velho e o ser idoso), enfatizando ou intensificando os valores, em especial, euforizando o ser idoso. A triagem é operada de forma mais enfática quando a predicação recai sobre o velho. Como exemplos, temos as expressões “apenas” (“[...] você é velho quando apenas dorme”), “já nem” (“[...] você é velho quando já nem ensina”), “somente” (“[...] você é velho quando somente descansa”), “só” (“[...] você é velho quando só tem saudades”), que aumentam a intensificação negativa e se apresentam com força argumentativa. Essas expressões são utilizadas no plano da enunciação enunciada, ou seja, o sujeito enunciador faz projetar a enunciação no enunciado, para estabelecer

3 Utilizamos a noção de enunciação enunciada e enunciado enunciado apresentada por Hamad (1983).

um vínculo aproximativo e de identidade com o enunciatário. Por outro lado, essas expressões não se encontram no processo de triagem que o enunciador faz ao caracterizar o idoso.

Assim, o sujeito enunciador se inscreve como avaliador de um estado de coisa, um estado de ser, e esse modo aponta para um sujeito de presença manifestada, entre outras formas, nas expressões citadas anteriormente. Portanto, podemos dizer que essa presença remete ao modo atualizado, pois a estratégia utilizada pelo sujeito enunciador é a descrição.

O texto mobiliza uma discursivização instaurada na relação *distanciamento*, quando utiliza a debreagem enunciativa (“Idoso é quem [...]”; “velho é quem [...]”; “Para o idoso, [...]”; para o velho, [...]”), e *aproximação*, quando recorre ao mecanismo da debreagem enunciativa, cuja marca linguística no texto é o pronome “você”, que representa o participante enunciatário de forma genérica. No entanto, considerando a página do Facebook que faz circular o texto, dizemos que o público imediato são os internautas leitores da página.

A estratégia de aproximação tem seu grau elevado no fecho do texto: “Que você, quando idoso, viva uma Vida longa, mas que nunca fique velho”, o que condensa uma carga afetiva que marca a presença sensível do sujeito. O enunciador, na dimensão do querer, exclui o ser velho, o que pressupõe a impossibilidade de coexistência de atributos de idoso e velho num mesmo corpo, ou seja, o enunciador enuncia no plano do esquema tensivo da relação “ou... ou”. Dessa forma, inferimos que o enunciador propõe a direção do esquema “de... para”, que, analogamente à nossa análise, se configura como “da velhice para ser idoso”.

O enunciador, ao diferenciar o velho e o idoso, tenciona uma oposição, representada pelo par /contenção/ *versus* /distensão/, o que, pelas características apresentadas do velho e do idoso, nos leva a relacionar o primeiro lexema do par ao velho e o segundo, ao idoso. A contenção, como valor tensivo, aciona uma imagem de velho que está contido, parado, descontinuado (pois vive de ontens, de saudades, de descanso, não mais ensina, os dias parecem o último de uma longa jornada, apenas dorme), o que circunscreve uma parada no tempo e um espaço fechado, delimitado, um corpo estagnado no viver. A distensão, por sua vez, como valor tensivo, aciona uma imagem do idoso relacionada à continuidade do viver, à abertura para sonhar, aprender, exercitar-se, planejar, renovar-se, ter “o calendário de amanhã”. Assim, há uma continuidade no tempo e uma abertura no espaço para a vida.

O estado da velhice está inscrito em programas narrativos, cujos sujeitos têm objetos-valor diferentes. Nesse texto, a forma de ser velho ou de ser idoso decorre de dois programas estabelecidos para esses sujeitos. Para o idoso, o objeto-valor é a vida, a continuidade do viver; enquanto para o velho, o objeto-valor é o declínio que leva à morte. Em outros termos, ao idoso é acionado o sentido de “mais mais vida” e ao velho, “mais menos vida”.

Assim, em linhas gerais, o texto aponta uma perspectiva de concessão ao ser idoso e de implicação ao ser velho. Mesmo que o par sêmico /idoso/ e /velho/ não seja tão díspar, percebemos que há perspectiva de concessão à forma de o sujeito conceber o ser idoso. Consideramos que a concessão é uma operação discursiva que aciona direções argumentativas contrárias e que não necessariamente, para acontecer, devam estar inscritos, no enunciado, elementos linguísticos que a marcam. É na apreensão de forças tensivas que incide a mensuração das grandezas e esta irrompe o grau de expectativa do enunciatário, configurando, assim, a concessão. Euforizando o idoso, o sujeito enunciatador propõe, a partir do enunciado, que o enunciatário interprete o texto e se identifique com o ser idoso.

No programa narrativo, o destinador tenta manipular o destinatário para que este adira ao contrato de fidúcia e entre em conjunção com o valor suscitado no texto para o ser idoso. O destinador modaliza-se por um sujeito do querer e exclui o percurso da minimização para o idoso. Vejamos o enunciado que fecha o texto: “Que você, quando idoso, viva uma Vida longa, mas que nunca fique velho”. Como direção tensiva, o *somente menos* (extinção) aponta, no texto, para a morte, e o velho, como objeto percebido, à medida em que é minimizado, ocupa posição disfórica à vida.

O enunciatador, na instância discursiva, configura as categorias de pessoa, tempo e espaço, sobre as quais, à luz da proposta de Fontanille e Zilberberg (2001, p. 128), apresentamos as seguintes postulações:

1. o enunciatador percebe o velho como presença virtualizada, conforme a modalização do não poder-ser. O EGO do sujeito encontra-se instituído no modo “habituação”; o AQUI, na forma de “distante”; e o AGORA, como “ultrapassado”;
2. o enunciatador apreende o idoso como presença atualizada, conforme a modalização do poder-ser. O EGO do sujeito inscreve-se no modo “novo”; o AQUI, na forma de “próximo”; e o AGORA, como “atual”.

Essa forma de percepção aponta o sentido como direção, e esta configura uma posição discursiva. Comparando a percepção do sujeito em relação ao velho e ao idoso, concebemos que há uma diferença de tonicidade entre esses actantes percebidos: a perspectiva tensiva do sujeito para com o objeto ser velho inclina-se numa cifra de carácter átono e desacelerado, em que o grau de implicação é elevado, conforme já pontuamos anteriormente. A programação de ser desse objeto no mundo está definida, calculada, assentada no *pervir*, que, segundo Zilberberg (2011, p. 243), “tranquiliza o sujeito pela convicção de que o mundo é justamente o ‘seu’ mundo, onde tem lugar o cálculo e a previsão”. Nessa relação, o ser idoso é percebido com perspectiva tônica, pois ele subsume predicados eufóricos.

Correlacionando intensidade e extensidade no campo de percepção do sujeito, vemos que há uma predominância da extensidade, porque o enunciador conceitua o idoso e o velho como eixos excludentes, tentando estabelecer a diferença entre ambos. Sintaticamente, a extensidade no texto desenvolve, de forma mais saliente, o operador de triagem, organizando o seguinte esquema: [+triagem / -mistura]. As formas linguísticas que salientam mais essa operação no texto são: 1. “Idoso é quem [...]; velho é quem [...]”; 2. “Você é idoso quando [...]; você é velho quando [...]”; 3. “Para o idoso, a vida [...]; para o velho, a vida [...]”; 4. “Para o idoso, o dia [...]; para os velhos, todos os dias [...]”; 5. “Para o idoso, o calendário [...]; para o velho, o calendário [...]”.

A triagem está acionada por itens linguísticos que singularizam e triam o que é ser idoso e ser velho, como “é”, “quem”, “para”. Trata-se de termos que subsumem, no texto, uma seleção e uma exclusão.

O texto apresenta uma temporalidade longa, pela extensão do presente, e uma espacialidade aberta, amparada pela forma como circula na rede social. Dizemos que a espacialidade comporta um efeito de elasticidade projetado no campo de presença do sujeito.

Em relação à grandeza que acessa o campo de presença, conforme Zilberberg (2011, p. 271), predomina o *pervir*, pois: 1. o andamento é lento (o texto apresenta basicamente uma única estrutura, conforme descrição na operação de triagem); 2. a temporalidade é durativa (o tempo predominante do texto é o presente estendido, com aspecto durativo); 3. a quantidade (o número) é indeterminada (não há quantidade específica de sujeitos que se enquadram nas descrições para o idoso e o velho).

Nesse sentido, a foria, considerada energia e força que “leva adiante” a função semiótica, acentua, no campo de presença, valores de absoluto no texto,

em detrimento de valores de universo, pois o enunciador concentra a descrição de ser idoso e ser velho como “uma definição válida do uno, ou do único” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 47). Com efeito, o operador da triagem acentua a operação “exclusão-concentração”, diferentemente da “participação expansão”, que é “regida pela mistura” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 49). Então a exclusão-concentração fundamenta a direção de sentido e organiza o sistema de valor no texto.

O enunciador, pelo efeito de absoluto, projeta um controle do dito na perspectiva de orientar o enunciatário sobre as concepções do estado de ser idoso e ser velho, mas, principalmente, direcionando o fazer interpretativo. Essa configuração tensional fundamenta a representação do cognitivo, do inteligível no bojo da significação, pois o enunciador institui-se como sujeito do saber. Há também a representação do sensível, considerando que o enunciador percebe e sente o objeto, conforme podemos depreender das marcas linguísticas de pessoa, tempo, espaço, figuras-lexemáticas de conteúdo anteriormente analisadas.

PALAVRAS FINALIZANTES

Com a intensificação das práticas interactanciais nas redes sociais, o discurso ganha novas configurações, e a dinâmica da práxis enunciativa convoca diferentes discursos, ressemantizando conceitos e estabelecendo mecanismos de depreensão de sentidos culturalmente construídos, o que instala um movimento de atualização dos discursos em contraposição aos já instituídos.

No *corpus*, a práxis enunciativa mobiliza discursos que remetem a sentidos já assentados na língua e também sentidos inovadores, filiados a determinados universos culturais. Aqueles sentidos inscrevem-se em posições enunciativas, cujos sujeitos projetam um lugar disfórico ao velho, e os sentidos inovadores advêm de posições enunciativas de sujeitos que percebem e homologam um lugar eufórico para o idoso, em detrimento do velho. Nessa perspectiva, configura-se uma práxis em tensão que mobiliza diferentes imagens discursivas na sociedade, materializadas no texto.

Como, para depreender a práxis enunciativa, devemos acionar “senão quando esta tensiona pelo menos dois modos de existência” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 177), dizemos que o *corpus* mobiliza uma práxis em que o enunciador inscreve, no campo de presença, valores tônicos e eufóricos

ao ser idoso e valores átonos e disfóricos ao ser velho. Assim, o sujeito avalia um estado de coisa do mundo, do ponto de vista cognitivo e sensível, instado numa práxis enunciativa que reivindica os modos de presença virtualizado (quando se refere ao velho) e atualizado (quando se refere ao idoso).

Estrategicamente, o enunciador, debreado no lugar discursivo do narrador, mobiliza o discurso entre o percurso de aproximação e distanciamento, bem como o plano tensivo da relação “ou ... ou” (ou velho ou idoso) e da direção do esquema “de ... para”, que corresponde ao esquema “da velhice para o ser idoso”, excluindo o ser velho e apontando uma adesão sensível do enunciatário ao contrato de fidúcia.

Percebemos, no texto, uma voz discursiva que acentua o idoso com o incremento /mais mais/ vida e o velho, com o /mais menos/ vida, o que remete a uma axiologização em cuja estrutura se encontram os objetos-valor *vida* e *morte*, respectivamente.

Em linhas gerais, buscamos compreender como a práxis enunciativa e os modos de presença materializam os discursos que condensam a imagem do velho e do idoso, trazendo à baila significações cristalizadas no âmbito da cultura, bem como significações que atualizam novos modos de encarar a velhice, ou seja, sob a forma do ser idoso, considerando o contexto discursivo atual imanente de uma voz que clama por liberdade do dizer, do ser e do querer do idoso.

Old person or elderly person? Between the semiotization of what someone can be and cannot be

Abstract

Social network posts embody an enunciative praxis according to which it establishes a dynamic to the discourse. As a recurring theme on Facebook, old age is treated as an axis of discussion in different groups and pages. In this sense, we analyzed the text “*A diferença entre o velho e o idoso*”, which circulates in the page “*Casa de Repouso Viver Melhor*”, under the principles of French discursive semiotics, exploring mainly the concepts of enunciative praxis and presence. In analyzes, we found that the discourse points to a field of perception in whose structure shows a concentrated enunciating subject who choose the perceived object (adjectives old and elderly), euphorizing the adjective elderly, but not euphorizing the old one.

Keywords

Discursive Semiotics. Elderly person. Old person.

REFERÊNCIAS

- A DIFERENÇA entre o velho e o idoso. *Facebook*, 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/casaderepovovermelhor>. Acesso em: 21 fev. 2021.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: Edusc, 2003.
- FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. Tradução Jean Cristtus Portela. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- FONTANILLE, J. Práxis e enunciação: Greimas herdeiro de Saussure. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, p. 986-1004, set./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22409/gragoata.2017n44a968>. Acesso em: 20 out. 2020.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução Ivan Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz. 1. ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução Alceu Dias Lima. São Paulo: Contexto, 2016.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.
- HAMAD, M. L'énonciation: procès et systèmes. *Langages*, Paris, v. 70, p. 35-46, jun. 1983.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ZILBERBERG, C. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.